



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

AVENTURAS DE PIM, PAM E PUM

(Continuação do número anterior)



1 — Os nossos simpáticos amigos foram obsequiados com um grande banquete, e como o menu era só composto de fruta ficaram radiantes.



2 — No dia seguinte, realizou-se uma festa na qual se exibiram as últimas obras de arte do Pim: Cabeças de antropófagos pintadas com uma elegância insuperável.



3 — No final da festa uma comissão pediu aos nossos heróis que matassem um feroz leão que era o terror de todos.



4 — Alguém lembrou que o Pim propuzesse a paz ao leão, em troca dum fato pintado, mas esta idéia foi posta de parte, com receio do mau génio da fera.

(Continua na página 8)

DESILUSÃO

Por Laura Costa Marques

Desenho de A. CASTANÉ



NINGUÉM soubera a causa daquele estranho mal!... Pobre Isabelita!...

Tão boa, tão nova, e tão horrivelmente infeliz! Fazia, precisamente, deztoito anos no dia em que, no seu caixão

muito negro, tôda vestida de branco, a levaram ao cemitério pequenino da sua pequenina aldeia. A Mãe e o seu amigo, o António Lavrador, acompanhavam-na, chorando de pena.

Isabel era o enlévo de sua Mãe, já velhinha, a quem ajudava, ou por outra, a quem mantinha com o esforço do seu trabalho.

Fôra sempre saudável, forte e decidida.

Não a assustava a sua pobreza, trabalhava, contente, e desconhecia, também, a fadiga de que outras na sua idade, trabalhando menos, se queixavam. Logo, de manhãzinha, lá ia para o campo, foice ao ombro, movimentos livres, olhar franco, e ainda mais franco e adorável coração. Pobre Isabelita!...

Era pena que, sendo boa e corajosa, trocassem dela as companheiras, que, quando passavam, lhe diziam rindo:

— «Adeus, Feia!»

Sim, era terrivelmente feia, a pobrezinha!... A natureza tão pródiga às vezes em alindar os rostos jóvens, de coração de fela, dera-lhe, a ela, uns olhos sem vida, um nariz pequeno e achatado e uns lábios grossos que não sabiam sorrir, sôbre os dentes dene-
gridos.

Nunca se queixara, todavia, a infeliz criança! Quási sempre isolada de tôdos, sentia com





ardor, o único afecto de sua Mãe, já velha, e esse lhe bastava, enchendo-lhe a alma, tão grande e tão bela, que nem sentia inveja das outras môças lindas da sua aldeia!...

Tinha também um grande amigo: — António, môço lavrador, um dos mais guapos rapazes daquela região. Ele gostava de Isabelita como se ela fôsse sua irmã, e, vendo o isolamento em que vivia, de vez em quando, ia procura-la à fazenda e conversavam juntos por muito tempo. Riam-se as outras do gosto do rapaz, que vinha entreter-se horas inteiras com a mais feia cachopa do lugar.

Por sua vez, Isabel sentia um verdadeiro prazer naquela amizade sã, e, sem o saber mesmo começou a amar ardentemente o môço. Passavam-se anos. Ela tinha agora quasi dezoito tristes primaveras. Era noite, quando, ao regressar a casa, encontrou no caminho, como de costume, o simpático rapaz que, sorrindo, alegre como sempre, lhe dizia:

«Sabes uma cousa, Isabelita? Tenho uma grande novidade para te contar, muito grande... Vê se adivinhas...»

— «Como havia de saber!» — respondeu ela, com o coração apertando-se-lhe dolorosamente a algum triste pressentimento. — «Pois, se não sabes, eu te digo». E sorrindo, António murmurou baixinho:

— «Estou noivo, Isabelita...» «Ela e a Joaquina do Val da Casa, conheces? É tão linda, e gosto tanto dela...» concluiu o rapaz brilhando-lhe os olhos de emoção.

No escuro, confrangida, tremendo, Isabel sente uma vertigem louca. Quere gritar e a voz abafa-se-lhe na garganta, mas consegue por fim dominar-se e exclama:

«Adeus, vou-me embora; estimo que sejas muito feliz». — «Obrigado, Isabel, disse êle sem reparar na dôr que, inconscientemente, provocara, obrigado... Daqui em diante «ela» ha-de ser muito tua amiga, e já depois ninguém trocará de ti, porque eu assim o quero...»

Respondeu-lhe um soluço, e Isabelita partiu, Pobre pequena! Para que lhe dera Deus um coração ardente, capaz de amar, sentir, vibrar também!?

Caíu doente, com uma febre estranha que a consumiu em breve, levando o seu triste corpo ao cemitério pequenino da pequenina aldeia. Chorava a Mãe, e o seu grande amigo (cruel amigo...) o môço António. Morrerá Isabelita! Pobrezinha!

Parecia linda, ali, naquele caixão negro, muito negro, vestida de branco...

Morrera a Feia; mas... ninguém soubera a causa daquele estranho mal!...

■ ■ ■ ■ ■ FIM ■ ■ ■ ■ ■

Domingo!... Céu azul, bandeiras, luz festiva!...
Música... um regimento!... Um sino a repicar!...
Um viva, mais um viva, outro viva, outro viva!...

Salvas no Tejo:—*Pum!*... Foguetes pelo ar, e silvos... o apitar, como um forte assobio, dum locomotiva no Rossio!

Electricos: — *«Tim-tam... tim-tim-tim... tim-tam...!»*

Buzinas: — *«pó-pó-pó!»*...
Oh!...
Que alegria pagã,
anda a pairar
no ar
desde manhã!

Céu de cristal, estranha alacridade...
Dia de sol ardente, sol a jórros,
a brilhar,
a fulgir,
a rir,
a gargalhar,
sobre os longínquos mórros
da cidade!

Povolén, povolén endomingado,
de calçado engraxado
e fato novo;
formigueiro de povo
num vai-vem,
tanto
ou quanto
inconsciente
e frívolo, porém
satisfeito, contente!
Ecôa no ar da tarde domingueira,
peios Restauradores,
o apregoar de alguns contractadores:
— *«Barreira, sombra-sol, contra-barreira!»*

Em derredor dos tanques do Rossio,
pombas, em redopio,
vão, entontecidas,
circundando o repuxo...
Cavaleiros, piões, «autos» e carruágens,
equipagens
de luxo,
sobem, em fila, as amplas avenidas.

Campo Pequeno... ervinhas, margaridas
irrompendo por entre o encaletado,
o empedrado
da praça, em face e ao lado
de alamedas, «chalets» e miradoiros!

Praça... Praça dos Toiros,
linda praça
evocando, com seu árabe estilo,
aquilo
que, legado pelos moiros,
ficou em nós, herança dum Raça!

Tourada à antiga portuguesa,
reza
o programa da festa, linda festa,
e o cartaz, que ao portão,
ora atrai, ora chama
a multidão
que, em massa, logo corre,
acorre
lesta.

Tôda em degraus — (alugam-se almofadas
e vendem-se os retratos dos toureiros) —
a barreira no extremo das escadas,
em cima camarotes, galinheiros...

Em baixo, ao centro, a arena côr de chama,
e céu, céu oiro e azul, por tecto, ao alto;
adivinha-se um vago sobressalto
no olhar sentimental da airosa dama,



a dama portuguesa,
a que mais ama
mais vibra e sente a audácia, a valentia,
a ousadia,
a dextreza!

Metade ao sol, outra metade à sombra,
uma parte da praça fica de oiro;
perpassa em nós um não sei qué que assombra
memória vaga de áureo tempo moiro!

Irrompe a orquestra: — *a Portuguesa surge*
o senhor Presidente da República,
ergue-se a praça, em peso, como pública
prova de aprêço e de respeito. Urge
dar começo à toirada...

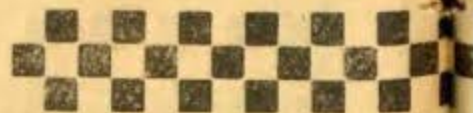
Alto, um clarim
anuncia o espectáculo... E, na arena,
desenrola-se, emfim,
a linda scêna,
praxe protocolar das cortezias.

À Luis trajados
plenos de pitoresco e galhardias,
dois airosos,
gárbosos
cavaleiros
por entre perfilados
toureiros
e forcados,
dando uma volta pela praça, em roda,
com gentileza, com aprumo e graça,
saúdam a praça tôda.

Cessam as cortezias. Principia
a luta
entre a dextreza, a graça e a força bruta,
entre o feroz instinto e a valentia.

Agora um cavaleiro, a sós, na praça,
aguarda o novo toque de clarim
que abre a porta do curro,
de onde, emfim,
dando um urro
e a espumar o seu ódio, avança um touro.

Sobe da arena uma poeira de oiro
envolvendo corcel e cavaleiro;
no cachaço da rês
parte-se a farpa
cravada pela dextra
do toureiro,
junto à escarpa



TOUROS SANTA RITA

da praça, isto é: — rés-vés da trincheira, à rés se escapulindo! Irrompem, novamente, a orquestra e as palmas, palmas de seis mil almas aplaudindo!

Surge um bandarilheiro, e outro, e um capincha, e ainda outro mais, Ora fareja o espaço a fera, ora focinha, olhando as capas, escutando os berros e as *piadas do sol* que a «geral» solta; raivosa, dolorida pelos ferros em volta do cachaço!

— «*A unha, à unha!*...» grita a praça agora; saltam à arena os moços de forcado; um vai à frente, açula o toiro... ousado, aguarda que ele avance... — (torna-se de ouro a hora) e num heroico lance e num remoço, de braço e corpo feito, apara o embate, o choque em pleno peito; e entre as armas da rés se ergue no espaço!

Correm os outros moços a auxiliar o que entre as armas da fogosa rés se debate, se agita ora no ar ora rés-vés do polo, a estrebuchar com a cabeça e os pés.

Agarram-se um à cauda, outros ao lombo do novilho que espuma em ância viva, tentando, assim, amenisar o tombo do companheiro que da rés se esquivava.

Impotente, vencida a fera ajoelha; irrompe a orquestra novamente e palmas, palmas de seis mil almas corream, agora, a péga de cernelha.

Um novo toque de clarim rebôa; abre-se o curro; um novo urro fogôa em tôda a praça.

Entram as chocas e os campinos; gémeas na idêntica aparência, côr de sementes, têm não sei bem que ar de ternura e graça; entenece-se o toiro olhando as fêmeas! Entretanto perpassa na geral um rumôr de risadas e um sussurro enquanto pela praça chora longo, rebôa, um novo urro,

Que lindas as toiradas em Lisboa... que gracioso o toureiro em Portugal!

Corrido o oitavo toiro, eis finda a festa! Numa estúrdia balbúrdia ergue-se, lesta, e em massa, a grande mole da gente; esvazia-se a praça lentamente!

Já cá fóra, no largo, a multidão, em burburinho, alarde e confusão, assalta os carros, «autos» e «tipoiás», electricos, «charrettes»; fúlgem joias ao rubro sol da tarde, que arde, lindo, fulgindo nas janelas, postigos, claraboias dos «cnalets» e dos ricos palacetes ladeando a Avenida, onde um novo cortejo de equipágens, carros e carrnâgens,

descem, já de regresso, numa garrida fila festival!

Em «tipoiás» abertas, os toureiros com seus típicos trajos de alto preço, — (relembrando a corrida e atraindo a atenção dos passageiros) — vão fazendo um sucesso!

As olaias e acácias da Avenida — (corpinho tenro, débil e sem músculo, minúsculo, a confundir-se com a própria folha...) — principia a recolha dos pardais, em chilreios frenéticos, quais ais; tomba do céu a cinza do crepúsculo!

Entretanto, iluminam-se os electricos, acendem-se os anúncios luminosos e torna-se feérica a cidade!...

Domingos de Lisboa, tão graciosos de tão suave e doce amenidade!

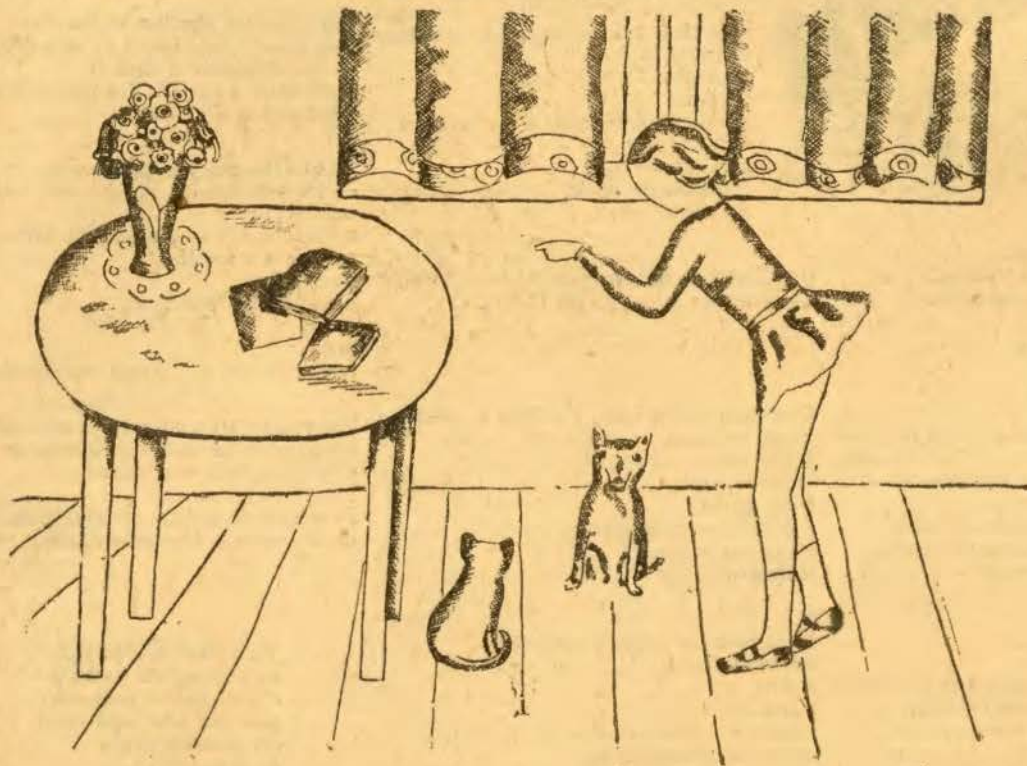
Tardinhas de Portugal, de inexcedível encanto e doce enleio profundo pois que não tem rival em nenhum canto do Mundo!

■ ■ FIM ■ ■

do Poema em preparação:

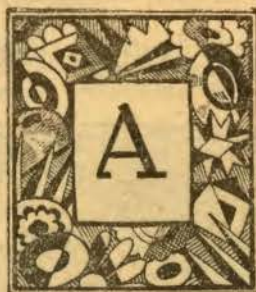
“Lisboa... cidade boa”





A AMIGA DO DIABO

Por MARIA AMELIA RODRIGUES



Tété não era bonita, mas, como todos lhe diziam o contrário, desde os pais até às pessoas que passavam ao pé dela, na rua, a Tété fez-se vaidosa porque julgou que era a mais linda menina do mundo...

Passava horas e horas ao espelho e, às vezes, até parecia maluquinha, a perguntar aos livros, às flores, ao gato e ao cão:

— Sou bonita? Muito bonita?

E os livros, as flores, o gato e o cão não respondiam, está claro, a Tété é que dizia:

— Sim senhora, sim senhora!

Ora a Tété só pensava na sua beleza. Não se importava com o estudo e não era nada boa mesmo.

Um dia a mãe disse-lhe:

— Tété, Tété... não andes sempre a vêr-te ao espelho. Pode acontecer o que aconteceu a uma senhora que eu conhecia.

— O que foi, mãe?

— Ora, apareceu-lhe o diabo.

— O diabo? Conte, conte...

— A senhora estava a vêr-se ao espelho quando sentiu um grande estrondo. O espelho voou em estilhaços e apareceu um homem, muito feio, que disse:

— Eu sou o diabo e venho buscar-te para o inferno, porque as pessoas que só cuidam da beleza da cara, são minhas amigas... As que procuram ter uma alma bonita, isto é, as boas e as estudiosas, são amigas de Deus e eu não quero nada com elas.

A senhora quiz gritar, porém, o diabo não a deixou.

— A sério?

— A sério.

Assustada a Tété prometeu não tornar a vêr-se ao espelho, mas era tão grande a sua vaidade que acabou por desobedecer à mãe, continuando a ser amiga do diabo.

Mas um dia... — mas um dia, apareceu o demónio... dizem, a rir, os meninos que estão a ler esta história.

Não, meninos, não apareceu.

Um dia a Tété estava na frente do espelho. Estava a perguntar-lhe: — Sou bonita? muito bonita? — quando se ouviu um barulho medonho.

Qualquer coisa que se partia e tilintava.

— Lá vem o diabo! — gritou ela e desmaiou com medo.

Quando veio a si, quiz saber: — Estou ao teu colo, mãe?

— Sim, sim, meu amor...

— Julgava que estava no inferno.

— Porquê?

— Porque estava a vêr-me ao espelho e senti um barulho muito grande e o espelho partiu-se... e pareceu-me vêr o diabo a caminhar para mim com os braços muito grandes, abertos, e a dizer: — Vem, vem, porque andas sempre tola.

Tive tanto, tanto medo...

— Não, minha filha. O que se partiu foi uma dúzia de pratos e de copos que a Maria levava no tabuleiro, para a casa de jantar. Trepeçou e zás...

— Então não era o diabo?

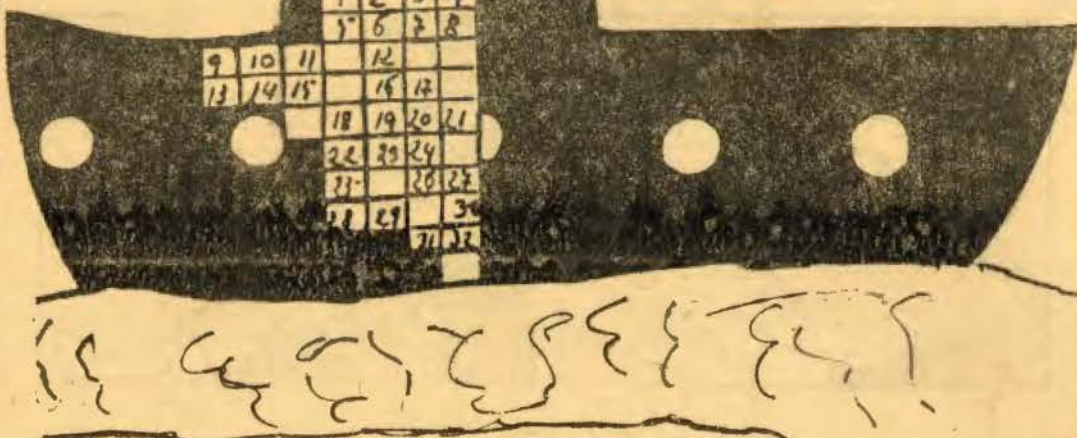
— Não.

— Mas, mesmo assim, eu não torno. Não foi desta, mas pode ser de outra vez. Quero ser amiguinha de Deus. Vou ser muito estudiosa e muito boa.

A Tété cumpriu a promessa e agora é que ela está linda a valer, linda, linda, linda...

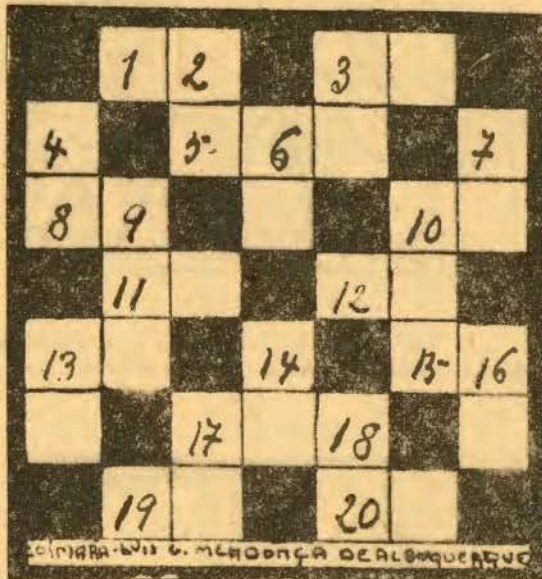
**PALAVRAS
CRUZADAS**

**HORA DE
RECREIO**



HORIZONTAIS: — 1, palavra francesa — 2 e 3, forma de verbo — 5, forma de verbo — 7, verbo inglês — 9, terreno apertado entre dois montes — 11 e 12, verbos — 15, interjeição — 14, forma de verbo — 15, substantivo — 16, pronome pessoal — 18, artigo francês — 19, pronome espanhol — 22, pronome — 23, nota de música — 25, adverbio — 22, substantivo — 31, verbo inglês.

VERTICAIS: — 1, animal — 2, pedra — 4, substantivo — 6, ouro em francês — 8, forma de pronome — 10, interjeição — 11, chão da chaminé — 15, respira-se — 17, pronome — 20, artigo em francês — 21, dia antecedente — 22, nome proprio — 24, substantivo — 25, antónimo de boa — 26, nota musical — 27, forma de verbo — 30, nome — 32, não é boa.



HORIZONTAIS: — 1, nota de musica — 3, idem — 5, feminino de rio — 6, forma de verbo — 8, Respira-se — 10, pedra — 11, pronome — 12, nota — 13, pronome — 15, ouro em francês — 17, agua corrente — 19, nota — 20, batráquio.

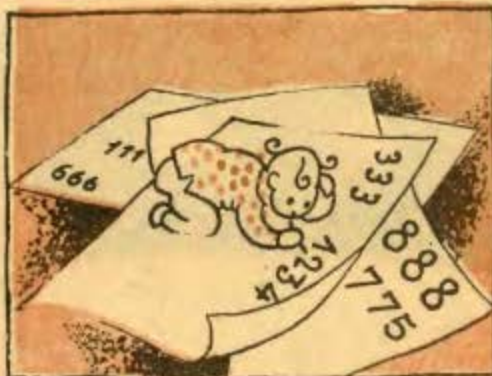
VERTICAIS: — 2, verbo — 3, animal — 4, nota — 6, forma de verbo — 7, pedra — 9, homem que vai responder — 10, fala do gato — 12, pronome — 13, idem — 14, forma de verbo — 16, parte dum navio — 17, animal — 18, ouro em francês.

HORISONTALMENTE: — forma antiga da palavra «coisa» — 2, substantivo — 3, nome masculino — 4, conjunção — 5, pronome pessoal francês — 6, bolbo usado em culinária — 7, forma antiga de «mangual» — 8, forma do verbo «dar».

VERTICALMENTE: — 1, consoante, forma do verbo inglês «to be» — 2, teta — 3, que tem mau modo. — 4, pronome pessoal no plural — 5: não é bom.



(Continuado da página 1)



5 — Nesta altura Pim quiz também provar que tinha talento e propôs-se encontrar o modo de matar o leão. Escreveu inúmeros números durante 3 luas. Mas o problema era difícil.



6 — Pim lembrou-se de que, quando andava na escola, não tinha jeito para os problemas mas desejava muito bem leões a gis na pedra.



7 — E, vai daí, desenhou uma leão no lençol do aeroplano. Tinha achado a fórmula de atrair o leão à emboscada.



8 — Em seguida partiram para o bosque, bem apetrechados e armados com lanças e flexas.



9 — Logo que chegaram, arvoraram o retrato da leão e aguardavam que, atraído por ela, se aproximasse a fera.



10 — Mas, — caso inaudito! — o leão apareceu por detrás dum arbusto e fazia sinais com uma bandeira branca.

O que acontecerá aos nossos valentes aviadores?! No próximo número o saberemos.